

Artigos, Reflexões e Andragogia na formação continuada de professores

Bruna Williena da Silva

Universidade Estadual de Maringá

bruna_williena@hotmail.com

Resumo: Este artigo trata-se de um recorte do meu trabalho de conclusão de curso, que visou analisar o processo de ensino e aprendizagem de flauta doce no âmbito de curso de Música – PARFOR da UEM, à luz da Andragogia. Contudo, este artigo visa apresentar o processo de reflexão, e sua abordagem prática e como se deu a avaliação, embasados na Andragogia. A Andragogia, é a arte ou ciência da educação de adultos, sistematizada por Malcom Knowles. Como metodologia, a pesquisa foi realizada através de uma abordagem qualitativa, no qual, fez-se necessário a criação de diários de campo, que continham, mensagens, vídeos, fotos compartilhadas pelo WhatsApp, Facebook, Messenger e outros. Além das atividades realizadas em sala de aula, que foram analisadas posteriormente. Sendo assim é possível afirmar, que propor práticas pedagógicas embasadas em uma reflexão, e dispor aos alunos o processo auto avaliativo, nos permite concluir que suas experiências anteriores são cruciais e determinantes da prática pedagógica atual, independentemente de sua área de atuação.

Palavras chave: Flauta doce, Andragogia, Formação continuada.

Introdução

Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “ A flauta doce na formação continuada de professores: uma abordagem andragógica”¹, realizado entre 2015 e 2016 no programa nacional de formação de professores – PARFOR – na Universidade Estadual de Maringá. O objetivo do TCC foi analisar o processo de ensino e aprendizagem de flauta doce no âmbito do curso de Música – PARFOR da UEM, sob a perspectiva da Andragogia.

O trabalho de conclusão de curso foi organizado em partes 1) contextualização: revisão bibliográfica, histórica e terminologia do referencial; 2) metodologia do trabalho: abordagem, participantes da pesquisa, técnica de registro de dados e análise dos dados; 3) análise dos materiais: aprendizagem musical dos adultos, categorizada em musicalidade, técnica,

¹ Orientado pela prof^ª Dr^ª Vania Malagutti Fialho



composição, apreciação e execução; e reflexões, avaliações e práticas pedagógicas dos parforianos a luz da andragogia.

De acordo com as ideias de Malcom Knowles, a andragogia refere-se à ciência ou arte da educação de adultos (Knowles *et al.*, 2011), e tem como princípio envolver ativamente o aluno adulto no processo educativo. O modelo andragógico, sistematizado por Knowles em 1977, intitula seis principais pressupostos, que nortearam a realização deste trabalho, sendo estes: 1) A necessidade do aprendiz saber, 2) Auto conceito do aprendiz, 3) A experiência anterior do aprendiz, 4) Prontidão para aprender, 5) Orientação para a aprendizagem, e 6) Motivação para aprendizagem.

O trabalho de campo e análise do material para a pesquisa, ocorreu nos módulos de flauta doce do curso de Música PARFOR UEM, entre o período de outubro a dezembro de 2015 (módulo 1) e de março a junho de 2016 (módulo 2), em aulas quinzenais de 1 hora e 40 minutos. Os 16 alunos que participaram desta pesquisa, são em suma, professores atuantes. Estes participantes, são formados em diversas áreas de conhecimento, e em grande parte não tinham nenhum tipo de conhecimento musical sistematizado. Sendo que ao iniciar no programa, foram inicializados musicalmente, precisando assim, de uma abordagem que os preparassem para musicalizar seus possíveis educandos. Para isso, a metodologia utilizada na pesquisa centrou-se na experiência musical em grupo, ao mesmo tempo que buscou inicializar o potencial de futuros educadores musicais.

O processo de reflexão e aproveitamento de leituras

Segundo a perspectiva andragógica (KNOWLES, 2011), o pressuposto 5 “Orientação para a aprendizagem” inclui quatro passos que podem vir a colaborar com o processo de apropriação da autonomia. Estes: 1) Experiência concreta (simulação, experiência real e demonstração); 2) Observações e reflexão (discussão, pequenos grupos, *buzz group*); 3) Formação de conceitos abstratos (compartilhamento de conceitos); 4) Teste de implicações de novos conceitos a novas situações (experiências em laboratórios, estágios, seções em grupos).



Com base nestas suposições, foi proposto uma atividade que contempla-se estes aspectos. Como atividade em grupo, os alunos divididos em 4 grupos, leram e resenharam quatro artigos, dois da revista da ABEM - música na educação básica e dois artigos acadêmicos com perspectivas distintas da flauta doce.

Destes artigos, procurei escolher textos distintos, para que na discussão o grupo pudesse refletir sobre as várias metodologias de ensino do instrumento, bem como discutir sobre outras dúvidas. A seguir apresento em síntese os artigos trabalhados.

O artigo de Freixedas (2015) destaca um ensino de flauta doce capaz de desenvolver os valores humanos, a partir de uma educação musical criativa. Para isso, a autora apresentou em atividades descritivas, como desenvolveu cada aspecto musical (Exploração sonora; Jogos de escuta; Sonorização de histórias e paisagens; Práticas de improvisação; Composição e registro; Prática de repertório contemporâneo). Portanto, o artigo aborda de uma forma didática, com descrição de atividades práticas uma abordagem contemporânea no ensino de flauta doce (FREIXEDAS, 2015).

Taets e Lins (2012) buscaram, através de uma pesquisa prática, abordar uma iniciação no instrumento embasado a partir da nota mi 4 e fá 4, utilizando a flauta germânica. Segundo os autores, essas notas permitem o aluno ter uma base de apoio com maior segurança no início de seu aprendizado. Esta abordagem não se assemelha com as tradicionais, ao iniciar com sons médios e traz a luz para a reflexão o uso do instrumento germânico (TAETS; LINS, 2012).

Os outros dois artigos, foram retirados da revista MEB. O texto de Souza e Junior (2012), apresenta uma proposta adaptada a partir da filosofia Suzuki². Com exposição de atividades sobre a postura, formas de articular e situações que podem envolver a família. O artigo de Cuervo e Pedrini (2010), propõe uma abordagem que articule e pensa a aula de flauta como também aula de música, suas reflexões abordam a temática: Por que a aula de flauta não é considerada aula de música? Sendo assim sugere atividades que trabalham a improvisação, criatividade, composição, musicalidade entre outros.

² Suzuki, foi um educador japonês, que desenvolveu uma metodologia que aproximasse a criança da família através da música. Para saber mais: Pedagogia em educação musical, Teresa Mateiro e Beatriz Ilari.

A reflexão na prática

A respeito do uso da flauta germânica, Paulo, um dos parforianos, afirmou que acredita na aplicabilidade dela na escola, por conta da facilidade de digitação. A partir disso, discutimos sobre até que ponto a flauta germânica é mais fácil, como: o desenvolvimento da percepção musical do aluno; o apoio no instrumento; a digitação em um instrumento facilitado. Ao expor sua opinião e defendê-la perante a turma, Paulo propiciou uma das situações mais valorizadas na base andragógica, que é o “aprender com o outro”, aprender através da troca de experiência com seus colegas. Segundo Back “a comunicação deve ser de forma horizontal, tanto entre os alunos, assim como para o educador com o resto da turma”, “transformando o conhecimento em uma ação recíproca de trocas de experiências vivenciadas, sendo um aprendizado de mão dupla” (BECK, sem data, p. 19).

As discussões a respeito do instrumento germânico, contribuiu para o esclarecimento do seu uso em sala de aula. Pois, o estado do Paraná distribuiu para as escolas de educação básica, um kit para as aulas de música (livros didáticos para o ensino de música e flautas doce germânicas). Nesta discussão, suscitaram questões como: nós já temos estes instrumentos, o que fazemos com eles? devemos pedir outros? Este debate permitiu aos professores/alunos em questão, que independentemente do material e instrumento, precisamos estar conscientes de nossa prática e fazê-la da melhor forma possível. Para isso como facilitadores, nosso papel não é apenas transmitir ou implantar novas ideias, mas também modificar ideias antigas que possam interferir com as novas. Sendo assim, os alunos compreenderam que não é negado a eles utilizarem o instrumento germânico, mas desde que cientes de suas limitações e possibilidades.

Segundo Knowles *et al.* (2011), os adultos em geral, preferem uma orientação de aprendizagem voltada para a resolução de problemas, em vez de centrada em um assunto. Freire compreende que “é pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996 p. 19). Sendo assim, as discussões que permearam nossos encontros foram embasadas em situações da vida real, experiências dos alunos, para que o assunto fosse ser significativo para eles.



A partir das indagações e esclarecimentos que as leituras geraram, foi proposto aos alunos, que criasse uma proposta pedagógica utilizando a flauta doce para uma turma de ensino básica, com faixa etária livre. Das propostas entregues, algumas destas me chamaram a atenção, por utilizar e articular propostas criativas³ com o instrumento.

Segundo Beck (sem data)⁴,

o aluno adulto tem que ser motivado a identificar qual é o melhor caminho a ser seguido e os educadores terão a competência de estimular cada indivíduo a desenvolver as ideias próprias, a desenvolver um método pessoal para estudar, a aprender a utilizar modo crítico e eficiente, assim como os meios de informação disponíveis para o seu aprendizado. (BECK, s/d, p. 21).

De acordo com Beck, o aluno adulto, irá ter ideias próprias quando estimulados para tal atividade, a leitura e reflexão de artigos, permitem – nos questionar nossas práticas e tomá-las como ponto de partida para outras atividades.

Segundo Knowles *et al.*, (2011 p 179), na Andragogia, um dos mais importantes preceitos é a “construção da autonomia pessoal”, pois fomentar a autonomia no processo de formação de um educador musical, é prepara-lo para seguir sozinho, sem devidas orientações. Neste caminho, a atividade de criação de proposta pedagógica, visa emergir a auto direção de projetos musicais.

As propostas a seguir, denominarei como “aula de música com flauta doce”, digo isto, pois este foi um assunto muito discutido com os alunos, sobre a importância de um ensino de instrumento não se restringir a técnica, e ser principalmente ensinado fazendo música, seja vivencialmente ou tradicionalmente. Por isso, nas descrições abaixo nota-se a naturalidade que os alunos tiveram ao pensar propostas musicais, propostas que privilegiam o fazer musical.

Em sua descrição, Emanuelli apresentou uma sequência de duas aulas com recursos em sua maioria visuais. Na primeira aula, iria propor uma brincadeira a partir da escala musical, onde cartões coloridos representariam os sons. Em seguida os cartões seriam usados para mostrar a diferença de articulações, onde cada aluno escolheria uma técnica. Posteriormente,

³ Criativas, por não se restringirem ao estudo de notas de altura definida, e sim por abordarem metodologias atividades como a paisagem sonora através da flauta.

⁴ Este material foi disponibilizado pelo curso online de andragogia, ministrado pelo andragogo Caio Beck, e não consta nenhuma especificação de data na apostila.



os cartões seriam organizados para propiciar uma atividade de iniciação a leitura. Para a segunda aula, utilizaria uma atividade de Luciane Cuervo, no qual os alunos dão nome ao instrumento, para que em seguida realizem uma proposta de improvisação com a flauta. As aulas foram organizadas para iniciar com uma vivência do que seria usado no instrumento, como: nome das notas, posições, diferença de alturas e formas de articulação, para que em última instância o instrumento fosse apresentado sem nenhuma dificuldade técnica.

Duas das propostas articuladas são abordadas em forma de história. Na sua descrição, Paulo iniciou com uma atividade de pulsação rítmica, que ao iniciar a história vira um *coda/refrão*, a flauta por sua vez, seria utilizada como um indicativo de andamento, quando um dos alunos utilizando o instrumento começa a articular com maior agilidade, os outros por sua vez, aumentam o andamento da pulsação. Em círculo, segundo Paulo, iniciaria ainda com o mesmo intuito anterior uma atividade para trabalhar a respiração e inspiração, posteriormente através de um diálogo, todos iriam discutir a respeito do instrumento (partes, forma, orifícios, dedilhado, mãos etc), antes de encerrar a aula, o aprendiz provocaria seus alunos a emitir sons sem utilizar o bocal do instrumento. Para continuidade desta aula, iniciaria uma atividade de encaixe de sons com a música Asa Branca entre grupos divididos da mesma turma.

A proposta deste aluno, articula uma forma de se iniciar fazendo música, produzindo sons e paralelamente aprendendo conceitos técnicos e teóricos do instrumento. Segundo Freire, “é nesse sentido que se pode afirmar ser tão errado separar teoria e prática, pensamento da ação” pois os educandos vão se “fazendo sujeitos do próprio processo de aprende-lo” (FREIRE, 1996 p. 47).

Roberta, assim como Paulo, pensou em uma história para desenvolver a aula com a flauta, contudo, a aluna utilizou a flauta como instrumento para sonorizar a ação da história, trabalhando o imaginário dos alunos, diferente de Paulo, em que o instrumento designa a ação a seguir. A proposta da primeira aula, é que em dois grupos diferentes, criasse a sonorização da história para se apresentar a turma. Para a segunda aula, a proposição é de que a flauta embasa a aula como instrumento melódico para tocar a canção “Trem de ferro”.

Ambas propostas (Paulo e Roberta), iniciaram com a intenção de explorar a sonoridade para que em seguida, seja proposto uma canção. Esta premissa de explorar o instrumento,



vem ao encontro das atividades que utilizei nos módulos como o Passarinho TUHU e Trem de ferro, trabalhadas com estes alunos, pois conseguiram modificar as ideias desenvolvidas em sala de aula, criando outras. Sendo assim, e usando as palavras de Freire, “aprender para nós é construir, reconstruir e constatar para mudar” (FREIRE, 1996, p. 28).

André fez uma adequação da atividade de sobreposição de melodias, utilizada no módulo de canto. Em sua descrição o aluno se preocupa na identificação sonora das melodias, bem como: articulação, percepção de diferentes melodias juntas para o instrumento etc. Sendo, que o mesmo tem a preocupação de inserir uma canção de cunho popular e outra desconhecida popularmente.

Estas propostas se destacaram na avaliação por diretamente se readequadas e utilizarem a proposta dos artigos lidos e discutidos. As demais propostas entregues (5), realizaram atividades de cunho tradicional, ensinando a postura, seguida de articulação e repertório. Estas atividades também possuem o seu valor, contudo, não fugiram do estereótipo da aula de “instrumento”.

Segundo Knowles *et al.* (2011, p. 189) é da reponsabilidade do facilitador, “não apenas transmitir ou implantar novas ideias, mas também modificar ideias antigas que possam interferir com as novas”.

Uma reflexão, deve portanto, gerar uma ação, uma mudança. Freire entende que nossa presença no mundo “não é a de quem a ele se adapta, mas a quem ele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história” (FREIRE, 1996, p. 23). Sendo assim, estes alunos que pensaram em propostas de aulas de flauta doce “diferentes”, compreendem que uma ação responsável, gerará, portanto, uma reação, uma mudança de cunho definitivo no curso de suas vidas.

Avaliação andragógica: como aconteceu?

No processo educacional a avaliação é uma etapa importante, pois desperta reflexões que poderão ser utilizadas na prática pedagógica. Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, supôs que “o ideal é que, cedo ou tarde se invente uma forma pela qual os



educados possam participar da avaliação” (FREIRE, 1996 p. 26). A cerca disto Knowles *et al.* (2011), entendem que o principal elemento na avaliação é a própria percepção do aprendiz sobre a diferença entre onde ele está e onde eles desejam estar (KNOWLES *et al.* 2011. p.121). Sendo assim, o aprendiz deve ser um sujeito ativo no processo avaliativo.

Knowles *et al.* (2011) aponta quatro etapas a serem observadas no processo avaliativo. O primeiro passo é a “avaliação da reação”, ou seja, um *feedback* das atividades desenvolvidas. O segundo é a “avaliação da aprendizagem”, o que podemos classificar como a avaliação da nossa *performance*, da nossa prática musical. O terceiro passo é a “avaliação do comportamento”, a mudança que acontece no curso de vida do indivíduo. E o quarto é a “avaliação dos resultados”.

Knowles, aponta ainda a possibilidade de um quinto passo, pois

Se cada experiência de aprendizagem tem por objetivo expandir a aprendizagem, como a educação continuada supõe, então cada processo de avaliação deveria incluir provisões para ajudar os aprendizes a reexaminar seus modelos de competências desejadas e reavaliar as discrepâncias entre o modelo e seus níveis recém-desenvolvidas de competências. (KNOWLES *et al.* 2011, p. 128)

A avaliação: o que os alunos acharam?

O processo avaliativo nos módulos 1 e 2 de flauta doce do PARFOR levei em consideração a participação ativa dos parforianos. No final do primeiro módulo elaborei um questionário com o intuito de ouvir a avaliação dos alunos sobre as aulas e ter subsídios para o planejamento do módulo seguinte.

As questões foram: 1) Em relação ao seu aprendizado e aproveitamento da disciplina, o que você esperava e o que você conquistou?; 2) Para o próximo módulo, o que você considera importante conhecer de flauta doce?; 3) O repertório utilizado foi adequado? O que você espera com relação ao repertório para o próximo módulo?; 4) As propostas pedagógicas foram significativas?; 5) As professoras facilitaram o seu processo de aprendizagem? O que você esperava e o que se concretizou com relação a conduta de ambas?.



Em relação a pergunta 1, André esperava uma aproximação da Academia (Universidade) e a escola, e sente-se realizado com relação a esta. Com relação a metodologia, o aluno entendeu que foi muito eficaz, e que todos os alunos podem “ver” a evolução da turma. Nota-se como o aluno evidencia que o crescimento individual é tão importante quanto o coletivo, e que foi nítido o crescimento dos alunos como um todo, pois a metodologia empregada tornou isso visível.

Para Amélia, Eliane e Mirian, o curso como um todo está suprimindo suas expectativas. A expectativa delas com relação ao repertório é conhecer grupo que usem a flauta profissionalmente (não somente no âmbito pedagógico), bem como ter um repertório de músicas de filmes para tocar.

Para Cilene, a flauta doce foi o instrumento que mais teve dificuldade, pois não tinha nenhuma experiência que pudesse relacionar no início, contudo ela entende que o seu desenvolvimento no instrumento foi gradativo e a integração do repertório com os outros módulos foi “ótimo” para seu crescimento. Segundo a aluna, é notável como as aulas estavam sempre bem preparadas e deram margem para eles participarem também, independente das habilidades de cada aluno. A partir deste depoimento, nota-se que a aluna conseguiu ver que a metodologia utilizada oportunizou momentos em que todas as “experiências anteriores” foram importantes independentemente do nível de cada um.

Segundo Emanueli, que já havia tido um contato com a flauta doce em outro curso, o som que está tocando agora é “surpreendente, pois antes o som agudo da flauta não a agradava”. A aluna compreendeu a importância dos mecanismos técnicos utilizados para o som, o que propiciou um resultado sonoro imediato. E para o próximo módulo sua expectativa é conhecer toda a família da flauta.

Everton, entendeu que as atividades foram muito úteis, pois ele conseguiu usar na sua classe. Segundo os andragogos (Knowles, Furter e Beck), o aprendizado se torna válido quando utilizado em um ambiente profissional. Este aluno através de sua argumentação, deixou claro que as aulas foram boas, partindo dos pressupostos de que são úteis e práticas.



Marlene Silva, acrescentou em seu relatório a importância do trabalho com a auto estima que as professoras realizaram⁵ e segundo ela isto foi um dos principais motivadores de seu estudo. Segundo Knowles e outros (2011, p. 172), os educadores profissionais precisam envolver os aprendizes, incentivar a comunidade, e promover a validade das experiências e dos materiais.

Nelci compartilhou que em um primeiro momento havia odiado a flauta doce, bem como a metodologia que eu estava empregando. Em suas palavras: “na verdade eu jamais tive qualquer contato com a flauta, com o passar das aulas acabei me apaixonado pelas duas, no bom sentido, claro!” (risos). O que ocorreu com esta aluna, é muito comum no modelo andragógico, pois os aprendizes estão acostumados com um modelo em que o comando está nas mãos do professor, e quando muda este padrão, onde todos ganham a função de ensinar e de aprender, há o estranhamento, ou até mesmo a repulsa.

Segundo Knowles *et al.*,

os adultos se ressentem e resistem, o que traz um sério problema para a aprendizagem de adultos, pois tão logo o aprendiz começa a participar de atividades chamadas de “educação” ou “treinamento”, regride ao condicionamento de suas experiências escolares anteriores, coloca o chapéu de dependência, cruza os braços, encosta-se na cadeira e diz ensina-me. (KNOWLES *et al.*, 2011, p. 73)

Mas, como a mesma disse que com o passar das aulas acabou se “apaixonando pelas duas” se referindo a metodologia e a facilitadora, pois compreendeu que a minha posição era apenas para “facilitar e não mostrar como ela devia proceder”, ou seja, gerar reflexão, gerar possibilidades para que sozinha conseguisse assumir sua posição de educadora pensante.

Segundo Knowles *et al.* (2011, p. 74), “a medida que acumulamos experiências, temos a tendência de fechar nossa mente a novas ideias, às percepções mais atualizadas”, que com novas estratégias dos facilitadores, tendem a abrir sua mente para novas abordagens.

⁵ Refere-se a esta, o processo de incentivo que as facilitadoras realizavam, com frases motivadoras e reconhecimento dos pontos positivos dos alunos quando pertinente.



Furter (1975), “a educação é um processo em que cada um aprende a se formar e a se informar a fim de transformar-se e transformar o mundo”, Desta maneira, “aquele que aprende, é talvez mais o professor que o aluno” (FURTER, 1975, p. 69).

Paulo acredita que as conquistas foram muitas, pois a “maneira espontânea da professora torna o aprendizado mais dinâmico”, sendo assim o aluno traz à tona a importância de um indivíduo facilitador. Segundo Knowles *et al.*, p. 97), o segundo princípio fundamental para um facilitador é a interação, a facilidade de conversar e interagir com os alunos.

De acordo com o “pai da andragogia”,

um facilitador deve se ver como um recurso flexível, estar disponível como conselheiro, palestrante, orientador, ter experiência na área. O facilitador também deve ser um aprendiz participante, um membro do grupo, expressando suas opiniões como apenas mais um indivíduo (KNOWLES *et al.*, 2011, p. 89)

Nota-se que o facilitador deve pertencer ao grupo como um aprendiz, “se misturar” na turma, ver todos os aprendizes como seres que possuem experiências válidas e que pode aprender com elas.

Segundo Thaise, as professoras fazem de tudo para “facilitar nosso aprendizado”, pois ela “achava impossível aprender um instrumento tão rápido e elas me mostraram que é possível!”. Pierre Furter, entende que a função de um facilitador “não é ensinar, mas preparar situações de aprendizagem” (FURTER, 1975, p. 71).

Roberta Valério e Roberta Palomo acreditam que o repertório e metodologia foram condizentes para a atuação delas na realidade de suas escolas. Isso porque ambas conseguiram aplicar as atividades na escola e assim como Paulo, entenderam que a sensibilidade da professora em identificar as suas dificuldades sem precisar mencioná-las foi muito importante para seu desenvolvimento. Palomo, mencionou ainda que a disciplina foi “uma surpresa para mim, fiquei encantada com as aulas, com o instrumento e tive uma imensa vontade logo no início de aprender a tocar”.

Para Theresa, a falta de tempo, a intensidade de sua rotina profissional, foram os principais quesitos que não contribuíram para seu aprendizado. Diferente dos demais alunos, esta entende que seu resultado não foi satisfatório e afirmou, na avaliação, que precisaria de



mais dedicação com a disciplina. Segundo a aluna, as professoras “tiveram paciência com a minha falta de experiência com a flauta e a dificuldade que estou tendo”. Além da falta de tempo para o estudo, ela afirmou que não conseguia “ter domínio dos dedos” e não conseguia “vencer a ansiedade” de aprender rapidamente. Estes aspectos dificultaram seu processo de aprendizagem. Na tentativa de ajuda-la, foi elaborado um cronograma de apoio paralelo, com aulas individuais. Contudo, esta aluna não deu continuidade ao curso. As dificuldades que enfrentava fugia aos conteúdos do módulo. Os desafios que ela precisava enfrentar no curso como um todo, a desestimulou a continuar o curso e ela trancou a matrícula.

Knowles, afirma que a avaliação está centrada no aprendiz, pois o mesmo sabe se a aprendizagem atende a uma necessidade pessoal, se ela leva ao que o individuo deseja saber. O autor compreende que a “essência é o significado: quando esse tipo de aprendizagem ocorre, o elemento de significado para o aprendiz é construído na experiência total” (KNOWLES *et al.*, 2011, p. 31).

Considerações

Todos possuímos algo concreto sonoro musical que possa ser compartilhado. O pressuposto 3, “a aprendizagem anterior do aprendiz”, trouxe a esta pesquisa, situações de partilha. Através da experiência de Paulo com a flauta doce germânica. Este expôs e defendeu sua opinião sobre a temática, sendo que eu pude expor embasada em experiências minhas anteriores ao PARFOR como educadora, os motivos que me levam a crer que esta não é ideal. Ao final, os alunos compreenderam os motivos que levam o instrumento a não ser utilizado por muitos educadores. E todos, inclusive Paulo, adquiriram através da reflexão e discussão consistência para discutir acerca do instrumento, seja a favor ou contra ele.

Criar uma proposta pedagógica, exige uso da criatividade em consonância com os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, de sua experiência enquanto educador e ser humano. Portanto, as atividades criadas pelos alunos, com base nas reflexões geradas pelos artigos, demonstram o trabalho seja teórico ou pedagógico é parte do que estes adultos são, de suas experiências, de suas atividades anteriores.



A partir de suas experiências práticas, pedagógicas e reflexivas, os aprendizes, levam a avaliação como forma de saber se suas práticas foram válidas para o aprendizado, não valorando a “nota” em si, mas o processo. Em suma, os parforianos, compreendem que suas práticas musicais falam por si só, e independente de como serão classificadas, elas demonstram na prática diária seu valor!

Referências

BECK, Caio. Apostila do curso: Andragogia. Curitiba: acessado em 03/01/2017.

CUERVO, Luciane; Juliana Pedrini. Flauteando e Criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música. In: **Revista Música na Educação Básica**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, v.2, n.2, 2010.

FIALHO, Vania M; MALAGUTI, Vania G; OLIVEIRA, Andréia P C. Compreendendo o curso de Música – Parfor da UEM: Uma pesquisa exploratória. Simpósio In **Anais do XXII Congresso Nacional da Associação brasileira de educação musical**. Natal: 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1987.

FREIXEDAS, Cláudia Maradai. O desenvolvimento de aspectos humanos e técnicos através do ensino de flauta doce. In: **Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM**. Natal: 2015

KNOWLES, Malcolm; HOLTON, Elwood F; SWANSON, Richard A. **Aprendizagem de Resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Tradução Sabine Alexandra Holler: The Adult Learn. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PAINI, Leonor D; COSTA, Cecília E M; VICENTINI, Max R. (Org.) **PARFOR: Integração entre Universidade e ensino básico diante dos desafios na formação de professores do Paraná**. Maringá: EDUEM, 2014.

SOUZA, Luciana Aparecida Schimitti; JUNIOR, Miguel Pereira dos santos. Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula. In: **Revista Música na Educação Básica**. Londrina: Associação Brasileira de Educação Musical, v.4, n.4, 2012.

TAETS, Thelma Nunes; LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Iniciação a flauta doce: uma prática significativa. In: **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Campinas: Unicamp, 2012.